

## ENTRE MAR, MONTANHA E ÍRIS DO MUNDO TODO: UMA APROXIMAÇÃO DO MUSEU PENITENCIÁRIO DE USHUAIA

**DOI**  
dx.doi.org/10.11606/issn.2525-  
3123.gis.2020.165724

**ORCID**  
orcid.org/0000-0002-8446-4851

**NATÁLIA NEGRETTI<sup>1</sup>**

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil,  
13083-896 - scpgcsoc@unicamp.br

### RESUMO

“Los invitamos a caminar por los pasillos estrechos, asomarse a las celdas para imaginar cómo habría sido la vida en la cárcel”. Esse é o convite do Museo do Presidio de Ushuaia (Argentina) em sua página eletrônica. Ativado em 1902 a partir da transferência da prisão militar de San Juan do Salvamento, o presídio de Ushuaia teve um longo processo e hoje circunscreve um campo, além de histórico, cultural e turístico, ao significar-se como Museo. Tema de documentários e livros no território argentino, suas dimensões nos fazem questionar sobre turismo e este espaço. De antigo presídio experimental para museológico e turístico, dinamiza Memória. Quais são os arranjos dessa experimentação? Esse trabalho se debruça nas construções entrelaçadas e dinâmicas de, entre um conjunto, duas dimensões primordiais: desativação de prisão e ativação de Museo.

### PALAVRAS-CHAVE

Prisões; memória;  
museu; cultura; arte.

1. Artigo desenvolvido durante a vigência de bolsa concedida pela Red de Macro Universidades de América Latina y el Caribe (Red-macro), 2019.

### ABSTRACT

“Los invitamos a caminar por los pasillos estrechos, asomarse a las celdas para imaginar cómo habría sido la vida en la cárcel”. This is an invitation to Ushuaia Museo Prison (Argentina) on its website. Inaugurated in 1902 and transferred from San Juan del Salvamento’s military prison, Ushuaia’s prison has a long trajectory. It is currently part of a historical, cultural, and tourist arena in the city just for being a museum. Documentaries and books in Argentina as well as their characteristics imply a certain correlation between tourism and this place. Coming from an old trial prison to become a museological and tourist place, it revitalizes memory. What were the necessary arrangements for such change? This article presents a correlation between two main events: the deactivation of the prison and the new function as a museum.

### KEYWORDS

Prisons; memory;  
museum;  
culture; art.



FIGURA 1  
Visita Guiada  
no Museo  
Penitenciário de  
Ushuaia. Foto:  
Natalia Negretti.

*Yo también Ushuaia, soy poeta y te canto  
Em labradas estrofas, com la voz de mi hacha,  
Desde el fondo más triste de tu selva, desierta,  
De Dolores fecundos y de música de alas  
(Lazzaroni 2011, p. 55)*

Em agosto de 2019, a inclusão de uma atividade num cronograma<sup>2</sup> de pesquisa me levaria meses depois ao *Fim do mundo*. A última cidade da Argentina, conhecida também como a *mais austral*, em 15 de outubro de 2019, fazia centro e trinta e cinco anos. Na mesma data, a página online da cidade anunciava: “Ushuaia nasceu entre o mar e a montanha e hoje é olhada pelo mundo todo, que a reconhece como uma das cidades mais belas”<sup>3</sup>

Este texto busca apresentar, a partir de uma etnografia que contempla a visita ao Museo<sup>4</sup> Penitenciário de Ushuaia e do período no mesmo município, uma análise sobre a relação entre o Museo, memória e turismo; procura mostrar uma perspectiva desta dinâmica; tenta localizar, portanto, também meu posicionamento como turista em tais ocasiões: diferentemente da atividade realizada no campus de Río Grande da Universidade Nacional da Terra do Fogo,<sup>5</sup> não visitei o Museo e nem permaneci em Ushuaia como pesquisadora.

Ancorada pela curiosidade sobre a desativação do *presídio do fim do mundo* e ativação de um museu, o período que antecedeu a visita a Ushuaia marcava também minha memória: a noção principal que tinha quanto à uma desativação de prisão era a do Carandiru.<sup>6</sup> Nas indagações sobre a memória do Carandiru que tive ao longo de um período, me interessavam algumas histórias veiculadas pelos jornais – massacre, implosão, construção do Parque da Juventude e julgamento – e memória.<sup>7</sup> Com um projeto de memória e política de esquecimento específicas, destacados por diversos autores, como a pesquisa e livro organizado por Maira Machado e Marta Machado (2015), essa teia entre esquecimento e memória foi a primeira que conheci como expectadora de um processo. Era o Carandiru que mostrava teias e frestas da eficácia tanto da memória quanto do esquecimento. Era a sua dinâmica que me marcava ao pensar e relembrar políticas de memória e esquecimento no que concerne a prisões. Era um ponto de partida e um ponto de localização. Me interessava, então, tentar me aproximar das noções de memória que em Ushuaia circulariam.

---

2. Esse cronograma se referia a uma das atividades do estágio doutoral na Universidade de Buenos Aires, sob tutoria de Cora Gamarnik e bolsa da Redmacro. A pesquisa mencionada centrou-se na articulação de imagem, desenvolvimento e envelhecimento em publicações da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) e da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas) na Argentina. O acervo bibliográfico pertencente à sede da Cepal da Argentina, localizada na cidade de Buenos Aires, foi transferido para o campus de Río Grande da Universidade Nacional da Terra do Fogo.

3. Disponível em: <<https://bit.ly/37QJNpq>>.

4. Utilizarei *museu* para referir esse tipo de instituição e *Museo* para referência específica ao Museo Penitenciário de Ushuaia.

5. A Universidade Nacional da Terra do Fogo tem dois campus: o de Río Grande e o de Ushuaia.

6. Casa de detenção de São Paulo (1920-2002).

7. Disponível em: <<https://bit.ly/3eq14rP>>.

Um período antes da ida à cidade, no Museu Histórico Nacional da Argentina, localizado em Buenos Aires,<sup>8</sup> comprei o livro *Celdas: textos de presos y confinados em Ushuaia (1896-1947)*, de Alícia Lazzaroni (2011). Posteriormente, assisti a um documentário do canal Encuentro<sup>9</sup> por sugestão de uma amiga argentina. O narrador, Ricardo Ragendorfer, apresentado no vídeo como cronista policial, indaga no início dos três episódios da série se o presídio experimento de Ushuaia serviu para castigar delinquentes, se foi um sítio para confinar os inimigos políticos ou se a instituição penal se tratou de um jogo de cena para disciplinar a sociedade.

### **MUNICÍPIO, NATUREZA E PRISÃO NO FIM DO MUNDO**

O turismo em Ushuaia, ao costurar atrativos da natureza e o Museo, ambos com o qualitativo de *no fim do mundo*, perpassa um novelo de narrativas: desde formação municipal de Ushuaia à consolidação da soberania argentina em terras do sul, articulada aos conflitos geopolíticos no que refere à região e Estados-Nação.

Desde entonces, la historia de Ushuaia casi se identifica con la del presidio. Desde 1896 hubo un proyecto de colonización penal, hasta que en 1902 se edificó una cárcel de gran tamaño, en la que se destacó Catello Muratgia. La inauguración fue el 12 de septiembre. Entre 1902 y 1911 hubo un presidio militar. Por supuesto, nada de eso es motivo de felicidad. Hay multitud de historias, generalmente muy dolorosas y otras tragicómicas, como la tensión, que casi acaba en tiroteo, entre el personal carcelario y la policía, pero desde el punto de vista de la población fue un aporte de gran valor. No sólo proveyó de fuentes de trabajo, lo que llevó a una radicación continua de población estable, sino que ésta contó con muchos adelantos, como la luz eléctrica, el arreglo de las calles, la construcción de edificios públicos, la provisión de pan y otras ventajas. (Canclini 1989, 18)<sup>10</sup>

A partir de fotos e explicações escritas do Museo as histórias da cidade e do presídio se identificam, como informa também Aroldo Canclini

8. No período de minha visita ao Museu Penitenciário Argentino Antonio Ballvé, em Buenos Aires, a instituição estava fechada. Um relato da ocasião não poderá ser exposto neste artigo. Entretanto, é importante destacar que este museu é vizinho da Fundação Mercedes Sosa. Foi por conta de grades entre os dois espaços que foi possível fotografar algumas partes do Museu Penitenciário referido.

9. O documentário está dividido em três partes: “A origem”, disponível em: <<https://bit.ly/3eBrMxK>>; “Los confinados políticos”, disponível em: <<https://bit.ly/3ekQUZE>>; e “El fin”, disponível em: <<https://bit.ly/3dwdE81>>.

10. “[...]a história de Ushuaia quase se identifica com a da prisão. Desde 1896, houve um projeto de colonização penal, até que em 1902 foi construída uma grande prisão, na qual se destacou Catello Muratgia. A inauguração foi em 12 de setembro. Entre 1902 e 1911, houve uma prisão militar. Obviamente, nada disso é motivo de felicidade. Existem muitas histórias, geralmente muito dolorosas e outras tragicômicas, como a tensão, que quase terminou em tiroteio, entre os agentes penitenciários e a polícia, mas, do ponto de vista da população, foi uma contribuição de grande valor. Não apenas forneceu fontes de trabalho, o que levou a um estabelecimento contínuo de uma população estável, mas também teve muitos avanços, como eletricidade, reparos nas ruas, construção de prédios públicos, fornecimento de pão e outras vantagens”. (Canclini 1989,18, tradução da autora).

(1989). Uma outra dimensão de memória nos muros desenhados nessa cidade são as Ilhas Malvinas<sup>11</sup> e os Yámanas.<sup>12</sup> Todas estas articulações e sua complexidade não poderão ser tratadas neste texto, que se detém a um relato etnográfico do Museo e de lojas de souvenirs e observações do turismo. Cabe destacar, entretanto, a porosidade de fronteiras entre prisão, município e construção de soberania. Lila Caimari (2004) destaca que no fim do século XIX o Estado argentino, ao fundar um estabelecimento penal na Terra do Fogo, tocava em um problema conjuntural: a definição do limite deste Estado-Nação com outro, o Chile.<sup>13</sup>

Um dia antes de ir ao Museo, em outra região turística da cidade, vi duas crianças vestidas com um macacão listrado amarelo e cinza, representando um uniforme presidiário, já avistado em lojas. Saltou-me aos olhos, mas não senti que seria um registro fotográfico possível. No dia seguinte, após a primeira visita ao Museo, na orla da cidade, encontrei um casal heterossexual de brasileiros e começamos a conversar sobre o local. Perguntei se tinham ido ao Museo, disseram que não tinham vontade. Ao ouvi-los recordei do meu mal-estar ao ver as crianças fantasiadas, sentimento oriundo da experiência como pesquisadora de prisões, brasileira, estudante de um intercâmbio num país que, em meu imaginário e momento, fazia-me debruçar sobre a memória.

11. Para uma perspectiva das Ilhas Malvinas como disputas de significados além de reivindicação territorial e da cobertura da imprensa relacionada à guerra, ver artigo de Cora Garmanik (2015).

12. Sobre os Yámanas, chamados também de Yaganes, nômades canoieiros e fueguinos, há informações nas seguintes instituições museológicas de Ushuaia: Museo Yámana, Museo do Fim do Mundo e, como referido no texto, no Museo Marítimo. Para um retrato do colonialismo e dos Yámanas, e sobre as populações indígenas fueguinas, Kawésqar, Sél'knam, Aoniken, Háusch e Yámanas, bem como processos de Estado-Nação, soberania e violência, ver o filme chileno *Botão de Pérola* (2015), de Patricio Guzmán. Sobre colonialismo, representação e Yámanas, ver artigo de Jorge Pavez Ojeda (2012). Em nota com diálogo com Thomas Bridges, destaco o apontamento do autor sobre a redução da demografia desta população nos anos 1880 a um terço como efeito da fundação da cidade de Ushuaia pela Divisão Expedicionária do Atlântico Sul do Estado Argentino (1884), instalação de funcionários na cidade e epidemias de sarampo, varíola e gripe.

13. Susana Bandieri, em entrevista a Maria Cristina Bohn Martins (2009, 99), destaca dimensões, inclusive temporais, da política nacional em torno dos territórios e populações do sul argentino: “la penetración plena del Estado-nación en la Patagonia recién se completó en las décadas de 1930 y 1940, cuando la preocupación por “argentinar” estos territorios, hasta entonces muy vinculados al área del Pacífico, se convirtió en una necesidad de los grupos nacionalistas que por entonces dominaban la política nacional. Fue recién en esos años cuando el avance coactivo contra la sociedad indígena perpetrado en los años 1880 se completó con otras formas de penetración estatal, tanto en los aspectos materiales -construcción de puentes y carreteras, tendido de líneas férreas, medidas arancelarias de control fronterizo, creación de organismos públicos, etc.- como, y particularmente, ideológicos, por medio de la educación y la generalización de la litúrgica patriótica y nacional” (“a penetração total do Estado-nação na Patagônia só foi concluída nas décadas de 1930 e 1940, quando a preocupação de “argentinar” esses territórios, até então intimamente ligados à região do Pacífico, tornou-se uma necessidade para grupos nacionalistas que então dominavam a política nacional. Somente naqueles anos foi concluído o avanço coercitivo contra a sociedade indígena perpetrada na década de 1880 com outras formas de penetração do Estado, tanto nos aspectos materiais - construção de pontes e rodovias, assentamento de linhas ferroviárias, medidas tarifárias de controle de fronteiras, criação de órgãos públicos, etc. - tais como, e particularmente, ideológicos, através da educação e da generalização da liturgia patriótica e nacional” - tradução da autora)

Contei um pouco do que achei do primeiro dia no Museo; contei que havia uma narrativa em torno de direitos humanos nas celas/salas, ao mesmo tempo em que um fascínio por presos famosos, divididos em torno de periculosidade e “preso comum” e “preso político”. Quando mencionei as fantasias ao casal, o esposo começou a rir da esposa e disse, em seguida, que ela queria comprar um pijama (que representava um uniforme presidiário). Eu também ri, mas não sabia muito o que dizer. Em seguida, ela disse que queria uma lembrança da cidade, que não compartilhava do meu olhar sobre a prisão. Concordei. A conversa não avançou. Abordo esse episódio pois acho interessante o cruzamento de minhas moralidades em torno dos usos turísticos perante o Museo, mas também sobre a prisão. O Museo está circunscrito a campos que vêm sendo pesquisados, como Memória e Museus (Beiguelman 2019), Turismo Obscuro (Rodríguez, Sizzo e Arechiga 2018) em articulação a extintas unidades prisionais (Amaral 2016; Santos 2003) e aos usos e ressignificados.

### O MUSEO

O som, saindo da televisão no espaço que reunia os pavilhões, o saguão central, tinha um ritmo que, em algum imaginário, reconheci como de aventura e suspense. Ao olhar a televisão, que ficava ao lado do Pavilhão 3, comecei a perceber como eram organizadas as partes do Museo, que funciona junto com o Museu Marítimo. O nome oficial é *Museo Marítimo y del Presidio de Ushuaia*. No espaço, dividido por celas do antigo presídio e salas de museu, há os museus Marítimo; Antártico; Arte Marítimo e Galeria de Arte.

No segundo dia de visita, fiquei mais centrada na reunião de todas as alas para começar a escrever o diário de campo daquelas horas ali. Atualmente com essa nomenclatura, o Museo já teve outros nomes que são possíveis de observar pela coexistência de panfletos e placas de distintas datas em suas dependências.

Los presos quedaban acá”, disse-me ao sair de uma porta abaixo da placa com numeração 1. Em seguida disse que muitas pessoas não sabiam disso. O *Museo penitenciário* se concentra na ala 4 e a 1 conservou uma arquitetura sem reformas. Desta fazem parte ruínas, quebradiços e ferrugem. As duas alas relacionam a arquitetura de um presídio fechado e um Museo: celas/salas. As duas alas diferenciam-se quanto aos seus projetos de memória? Enquanto na ala 4 a produção é articulada em grande medida ao turismo da cidade, a 1 parece se dimensionar como *memória concreta*. (Diário de Campo, 14 nov. 2019)





FIGURA 2  
Entrada do Museu  
Marítimo y del  
Presidio. Foto:  
Natalia Negretti.

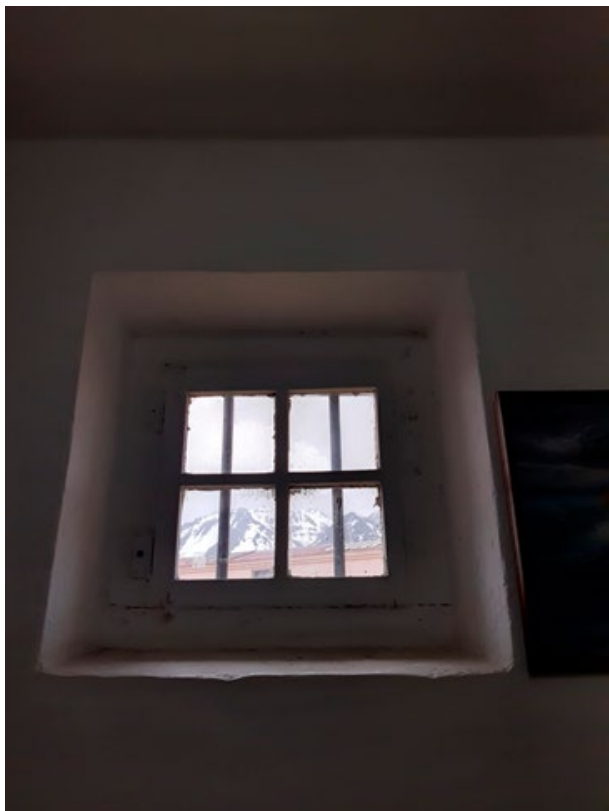


FIGURA 3  
Janela do Pavilhão  
4. Foto: Natalia  
Negretti.

Ecléa Bosi (2003, 31) nos recordou que “a memória opera com grande liberdade, escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns”.

No Museu Marítimo, a porta de entrada é uma sala que conta sobre os Yámana. Logo em seguida, tem início o Museo (Penitenciário), pelo Pavilhão 4, no térreo. A primeira informação é uma explicação do projeto de Colônia Penal. Depois há duas salas para visitantes com deficiência visual; três salas para pessoal autorizado e duas salas com informações sobre a construção do presídio. Partindo de uma placa que informa sobre as visitas guiadas, inicia-se a parte do Museo com estátuas de presos famosos. Esse corredor tem a seguinte estrutura temática:

| <b>Cela/Sala Esquerda</b>                                  | <b>Cela/Sala Direita</b>                       |
|--|--|
| Roque Sacomano   | Penado Boliche                                 |
| Como viajavam  | Ricardo Rojas                                  |
| Sala sem modificação arquitetônica (sem reforma)           | Pavilhões e celas                              |
| Uniformes  | Legislação                                     |
| Trabalho na floresta                                       | Presos políticos                               |
| Cela fechada   | Quadros e artes                                |
| Cadeiras feitas por condenados                             | Raúl Ambrós                                    |
| Anarquismo   | Dr. Ramiro                                     |
| Sebrón e poemas  | Imprensa do Presídio/ <i>Jornal El Domingo</i> |
| Alberto Andino (“o apenado que envelheceu prematuramente”) | Pertences/comida/cemitério                     |
| Trabalhos  | Carlos Gardel                                  |
| Castigo  | Catello Muratgia                               |
| Santos   | Higiene/saúde                                  |
| Godino   | Agradecimento de um preso a um diretor         |
| Fugas  |  |

Ao fim deste pavilhão, nos encontramos com o saguão central que liga todos os pavilhões da antiga prisão e atual Museo. Há pinguins em todas as entradas de pavilhões, com exceção do Pavilhão 5, fechado. Além do 4, no Pavilhão 3 está a loja de souvenir e o Museo de Arte Marítimo (fechado na ocasião da visita), no Pavilhão 2, a Galeria de Arte, e no Pavilhão 1 o nome “histórico”.



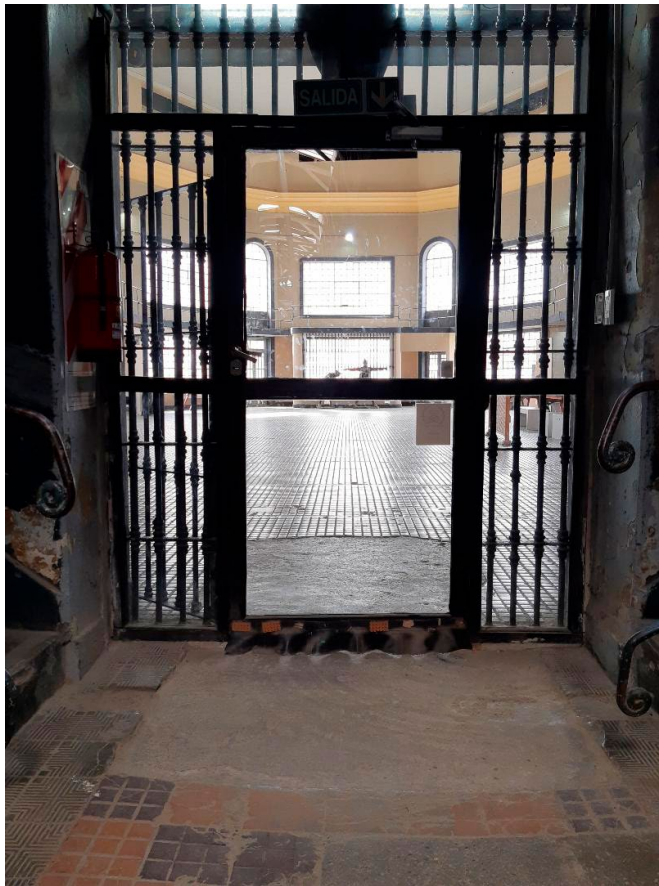


FIGURA 4  
Hall central visto  
do Pavilhão  
"Histórico". Foto:  
Natalia Negretti.

Em frente ao Pavilhão 5, fechado na ocasião, há escadas e uma máquina de café, cuja ficha tem de ser comprada na loja do Pavilhão 3; há uma outra televisão que exhibe a comparação das paredes e dependências do antigo cárcere a partir dos anos 1994 e 2013.

A estátuas de pinguins e suas pinturas mostram alguns usos de elementos da natureza de Ushuaia, difundida pelo turismo e articulada ao *Museo*. Próximo do pavilhão referido, há uma foto na entrada: pinguins abaixo de montanhas e neve. Essa população está retratada no museu e é rememorada. Há pinguins pintados de paisagem fueguina e dois pinguins (em escultura) sem desenho.

Um grande símbolo no turismo da cidade, quando pintados no Museo os pinguins nos dão também uma ponte para nos debruçarmos sobre os usos desta instituição pelo turismo. Natural da região da terra do fogo, o animal costura construções sociais e os trânsitos que por ali podem passar. Da mesma forma que são pintados os pinguins, são pintados o turismo e o Museo. Enquanto o pinguim pintado de agente penitenciário e apenas localiza o Museo, aquele que tem o rosto de Marilyn

Monroe nos indaga sobre a circulação – de cinematográfica a uma certa noção de amplamente conhecido – e visitação ao Museo. Cabe destacar aqui os apontamentos de Noel B. Salazar (2006, 102) no que concerne a diálogos sobre a economia política do turismo:

un marco teórico claramente inspirado por la obra de Karl Marx– ofrece el intento más sistemático de explicar y criticar la naturaleza desigual del desarrollo del turismo. Según esta opinión, los países en desarrollo sostienen una relación desigual con el mundo desarrollado, en cuanto la estructura de sus economías se basa históricamente en la dominación imperial sobre los vínculos comerciales y el ejercicio de la autoridad<sup>14</sup>.



FIGURA 5  
Pinturas dos  
pinguins. Foto:  
Natalia Negretti.

14. Um marco teórico claramente inspirado pela obra de Karl Marx - oferece a tentativa mais sistemática de explicar e criticar a natureza desigual do desenvolvimento do turismo. Segundo essa opinião, os países em desenvolvimento mant m uma rela o desigual com o mundo desenvolvido, na medida em que a estrutura de suas economias se baseia historicamente na domina o imperial sobre as rela oes comerciais e o exercício da autoridade (tradu o da autora).

## CELAS E SELOS NA TERRA DO FOGO

O primeiro grupo de presos em Ushuaia foi composto por catorze homens em 1896.<sup>15</sup> Naquele ano foi criado o Cárcere de Reincidentes, cuja construção era de madeira e chapa metálica. Conforme narrativa em panfleto do Museo, “la idea era colonizar con penales y es así como inmediatamente se enviaron 11 hombres más y 9 mujeres voluntárias. Todos ellos ex convictos que habían delinquido novamente”<sup>16</sup>. Importante pontuar que não há informações detalhadas sobre a permanência das mulheres e nem sua saída da unidade prisional. Destaco, entretanto, um documento que informava casamento de mulheres em privação de liberdade com moradores de Ushuaia.

Em 1911, resultado de decreto, o Cárcere de Reincidentes foi reunido com o Presídio Militar, que havia anteriormente funcionado na Ilha dos Estados – San Juan do Salvamento e em Porto Cook, respectivamente. Ainda conforme o panfleto do Museo, tal presídio “fue trasladado por razones humanitárias a Ushuaia”<sup>17</sup>.

Antes da fusão formal dos dois presídios, via decreto, em 1902, teve início a construção do Presídio Nacional. O lugar da construção era o mesmo em que estavam os conjuntos provisórios. A obra durou até 1920 e foi realizada pelos próprios apenados. Conforme narrativa do Museo, neste ano o cárcere contava com 76 celas em cada um dos cinco pavilhões. As celas eram individuais, entretanto, mais de 600 apenados teriam vivido ali num mesmo período.

Diante do histórico trazido pelo Museo em 1947, a presidência da nação instituiu o fechamento do cárcere. Em 1950, as instalações foram transferidas ao Ministério da Marinha e ali se instalou a Base Naval. Já no documentário assistido, o fechamento foi narrado também envolvendo diversas denúncias de tortura e fugas, entre elas uma fuga específica, a de Radowitzky,<sup>18</sup> muito famosa nos periódicos argentinos. O documen-

15. O site do Museo do Fim do Mundo, em Ushuaia, informa que “DECRETO DE JULIO A. ROCA FIJANDO EN TIERRA DEL FUEGO LA CÁRCEL DE REINCIDENTES. La Sub-prefectura de Bahía Thetis vuelve a Ushuaia. María Sánchez de Caballero es designada maestra y luego directora. Son enviados los primeros presos. J.M. Beauvoir visita y bautiza a 26 indios. Llega el explorador sueco Otto Nordenskjöld. Incendio en la panadería de la Gobernación”. Disponível em: < <https://bit.ly/37PiKLh>>. (“DECRETO DE JULIO A. ROCA QUE FIXA A PRISÃO REINCIDENTE EM TIERRA DEL FUEGO. A subprefeitura de Thetis Bay retorna a Ushuaia. María Sánchez de Caballero é nomeada professora e depois diretora. Os primeiros prisioneiros são enviados. J.M. Beauvoir visita e batiza 26 índios. O explorador sueco Otto Nordenskjöld chega. Fogo na padaria da sede do governo.” - tradução da autora)

16. “A ideia era colonizar com punições e foi assim que mais 11 homens e 9 mulheres voluntárias foram enviados imediatamente. Todos eles ex-presidiários que cometeram um crime” (tradução da autora).

17. Foi transferido por razões humanitárias para Ushuaia (tradução da autora).

18. Simón Radowitzky, militante anarquista, foi um dos presos mais famosos do Presídio de Ushuaia. O filme *Un mundo mejor* é uma narrativa sobre sua trajetória. Disponível em: <<https://bit.ly/2NjYGHx>>.

tário categoriza a imprensa argentina, em distintos cadernos, como um ator social desta mobilização em torno das polêmicas do *presidio do fim do mundo*. Quiçá os repórteres argentinos, principalmente portenhos, também não sejam atores sociais do imaginário construído sobre personagens do Museo, ex-reclusos, tão famosos.



FIGURA 6  
Imprensa nos  
Cárceles. Foto:  
Natalia Negretti.

Um hiato ainda não preenchido pelas consultas acerca do período do fechamento do presídio e abertura do Museo sugere não somente o uso pelo Ministério Naval da antiga prisão, como também a burocracia e narrativas de construção deste Museo. Conforme o item História do Museo Marítimo, uma narrativa insufla esse trânsito de ativação de Museo:

Carlos Pedro Vairo, licenciado en Administración de Empresas, museólogo, escritor, historiador, explorador e investigador, es uno de los fundadores y director del Museo Marítimo de Ushuaia desde sus inicios. Dadas las malas condiciones del edificio, junto con la Asociación Civil del Museo, solucionó numerosos problemas básicos. Al ingresar a la vieja cárcel para estudiar la factibilidad de

instalar el Museo Marítimo de Ushuaia, nos encontramos con panorama desolador donde si bien estaban los muros, faltaba gran parte de los techos, no contaba con calefacción, agua corriente, electricidad, ningún vidrio ni aberturas, desagües en pésimo estado, etc. Por otra parte estaba inundado dado que al levantar el nivel de los terrenos que lo rodeaban para la construcción de los nuevos edificios, el deshielo y los chorrillos filtraban por las paredes y puertas. Una zanja perimetral de unos 70 cm. de profundidad permitió eliminar gran parte de las filtraciones de agua y desviar los chorrillos. Paulatinamente se lo puso en valor y de esta forma logramos recuperar el espacio para actividades culturales.

El desafío era grande pero no imposible.

*Comprendimos la importancia Patrimonial de lo que fuera el motor de la economía local y factor poblacional de la Provincia en la primera mitad del siglo pasado. Con el apoyo parlamentario y a instancias de una presentación que hicimos en las dos cámaras del Congreso de la Nación, el edificio y dependencias adyacentes, fueron declaradas Monumento Histórico Nacional en 1997. (Site do Museu Marítimo, grifo nosso)<sup>19</sup>*

Interessante notar que ao cunhar como “histórico” o Pavilhão 1, há uma denotação de distinção da própria instituição perante o Pavilhão 4. É a partir desta diferenciação que os usos em torno do Museo pela cidade e pelos expectadores pode ser relacionado. No que refere à noção de história, é imperativo frisar que há celas no Museo que sintetizam os museus penitenciários pelo mundo. A importância dessas salas se aproxima do que Pierre Nora (2012) pontuou como *ideologias-memórias*. Destas salas se configura, de um lado, a explicitação de um projeto institucional de memória, mais próximo de uma perspectiva histórica e, de

---

19. Carlos Pedro Vairo, formado em administração de empresas, museólogo, escritor, historiador, explorador e pesquisador, é um dos fundadores e diretor do Museu Marítimo de Ushuaia desde a sua criação. Dadas as más condições do edifício, junto com a Associação Civil do Museu, resolveu vários problemas básicos. “Ao ingressar na antiga prisão para estudar a viabilidade da instalação do Museu Marítimo de Ushuaia, encontramos um panorama desolador, onde, se bem estavam os muros, as paredes não estavam intactas, não havia aquecimento, água corrente, eletricidade, vidro ou aberturas, encanamento em péssimas condições etc. Por outro lado, foi inundado posto que, ao elevar o nível das terras que o cercavam para a construção dos novos edifícios, o degelo e os gotejamentos se infiltraram pelas paredes e portas. Uma vala de perímetro de cerca de 70 centímetros de profundidade permitiu eliminar uma grande parte dos vazamentos d’água e desviar os vazamentos. Gradualmente, foi valorizado e, dessa forma, conseguimos recuperar o espaço para atividades culturais. O desafio era grande, mas não impossível. Compreendemos a importância patrimonial do que foi o motor da economia local e o fator populacional da Província na primeira metade do século passado. Com o apoio parlamentar e de uma apresentação solicitada que fizemos nas duas câmaras do Congresso Nacional, o edifício e as construções adjacentes foram declarados Monumento Histórico Nacional em 1997” (tradução da autora). Disponível em <http://www.museomaritimo.com/Maritimo/maritimoo2B.php>. O acesso a esta informação pelo site do Museo até entrega deste artigo estava disponível. Foi observada, entretanto, uma reformulação do site do Museo em 28/06.2020, data também em que mesmo link não se encontrava mais disponível.



outro, pelo turismo: possibilidades de o Museo ser apreendido de distintas maneiras, mais próximo de uma memória que opera com liberdade (Bosi 2003).

Nora (2012, 9) informa que a memória, “é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.

O Museo, neste caso, torna-se um espaço não somente de memória em torno de “quando prisão”, mas de próprio Museo e de visita. Como possibilidade, ainda, ele se emaranha a uma viagem e ao período em outros espaços turísticos da cidade. Como vimos, é possível comprar e ter distintos acessos e lembranças do Museo sem visitá-lo propriamente.



FIGURA 7  
Dependências  
externas do  
Museo. Foto:  
Natalia Negretti.



## ÍNDICES DE MEMÓRIA, MUSEO E TURISMO

Memória da Amnésia e políticas de esquecimento têm sido categorias usadas por Giselle Beiguelman (2019), que se articulam à leitura de Ecléa Bosi (2003) quanto à liberdade dos usos da memória.

Claudio do Prado Amaral (2016, 291), em artigo oriundo de uma pesquisa em 17 museus penitenciários, apresenta um lado dos pêndulos de relações do Museo Penitenciário de Ushuaia: o do não apagamento.

má gestão e desinteresse da sociedade. São traços que não podem, nem devem, ser apagados. Pelo contrário. Devem ser recordados, para que os erros do passado não se repitam, com a efetivação de políticas públicas adequadas. Uma das mais eficientes para tal efetividade é a preservação de estabelecimentos penais desativados, que já não recebem mais condenados e acusados. Não somente a preservação, mas também a respectiva estruturação de memoriais ou a musealização anexa é indispensável.



FIGURA 8  
Loja em Ushuaia.  
Foto: Natalia  
Negretti.

Se, por um lado, algumas dessas dimensões de não apagamento são suscitadas pelo Museo, a unidade desativada e os imaginários sobre prisões – e adjacências – são manejados pelo turismo.

Deste modo, essa parte do pêndulo está mesclada como um índice de memória entre e pelos distintos pavilhões, junto de outros índices, como as de figuras conhecidas pela Argentina. O fato de o ex-apanado Godino ter sido chamado por um outro turista argentino de “estrella de acá” nos ajuda a pensar nos regimes de visibilidade do pavilhão não histórico: presos famosos. Godino ou “El Petiso Orejudo” e Radowitzky são amplamente conhecidos no país desde que estavam vivos e reclusos, posto que eram alvo de notícias constantes por parte da imprensa argentina nas relações da prisão. Godino, ligado à ideia de reclusão por transtorno mental e Radowitzky, pela noção de prisão política, são rememorados pela ala 4, a mais acessada do Museo – que contém estátuas dos presos famosos – e livros sobre o Presídio de Ushuaia. Amaral (2016, 292) destaca o motivo como porta de entrada também de curiosidade:

O tema prisional desperta curiosidade. Há interesse de muitas pessoas sobre o encarceramento de indivíduos e dos assuntos relacionados, tais como detalhes sobre o motivo do encarceramento (criminal ou político?), o crime cometido, duração da pena, quem são os detentos mais conhecidos que estiveram em determinada prisão e, em especial, o local e a rotina da prisão.

No emaranhado de relações entre memória, Museo e cidade, longe de fazer uma análise fechada, uma possibilidade trazida a esse texto é a de continuidade de interação social. Se entre presídio e cidade – com suas especificidades territoriais e geográficas – a interação fora marcada por políticas de povoamento e processos de cunho nacional, dentro de um panorama de formação de Estados-Nação latino-americanos, entre Museo e Ushuaia, o caráter nacional é rearticulado partindo do turismo num movimento de considerar e representar as características específicas, reiterá-las: *o fim do mundo* e seus atributos<sup>20</sup> são articulados em condição de presídio e em condição de Museo e apreendidas por políticas de turismo.

Ademais, a leitura do Museo depende, deste modo, do histórico da ida das distintas trajetórias que vão visitá-lo e de sua vinculação com a questão social que é a prisão. Como destaca Myrian Sepúlveda dos Santos (2003), a imaginação e a prática que tem o passado como sua principal referência são dimensões importantes da memória, e é nesse sentido que parece estar circunscrito o Museo.

20. No que concerne ainda à temática de políticas prisionais, desativação de unidades prisionais e América Latina, ver a dissertação de Filipe Horta (2013). Na pesquisa, o autor analisou o Instituto Correccional da Ilha Anchieta, localizada no Município de Ubatuba (SP), entre os anos 1942 e 1955.

A compreensão do passado, neste caso, é composta de uma rede bem mais complexa de significados. São indivíduos em contato com outros indivíduos e em determinados contextos sociais que trazem o passado para o presente. O conceito de memória, portanto, nos permite entrelaçar passado e presente, por um lado, ultrapassar a antinomia teórica clássica entre indivíduo e sociedade, por outro. (Santos 2003, 273)

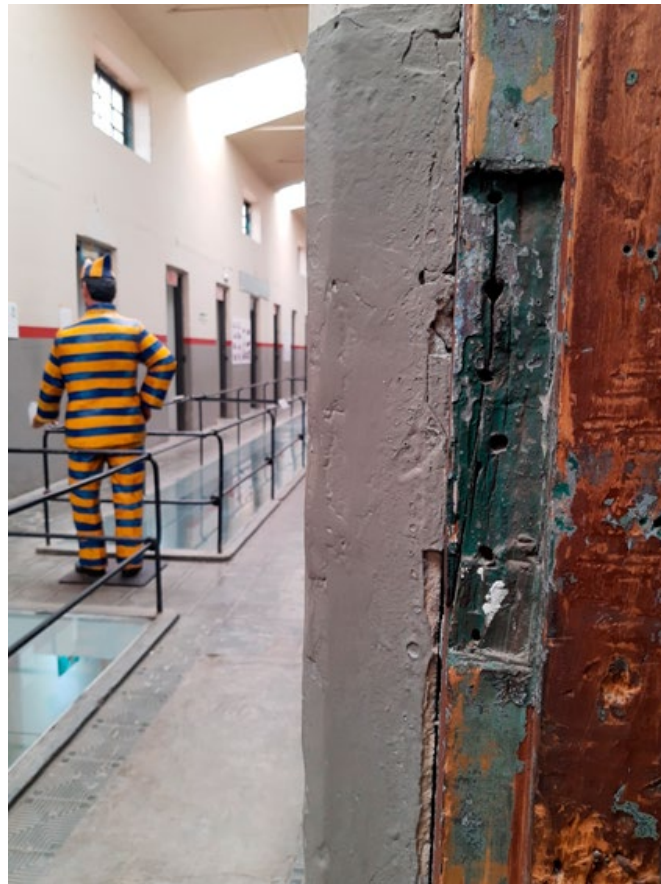


FIGURA 9  
Estátua de  
recluso com  
uniforme. Foto:  
Natalia Negretti.



FIGURA 10  
Livro de presos  
famosos. Foto:  
Natalia Negretti.



FIGURA 11  
Sala que  
representa a cela  
de Radowitzky.  
Foto: Natalia  
Negretti.

Tanto a nomeação de um pavilhão como *histórico* quanto a não nomeação de outro são importantes para a construção de um cenário possível de interação dos visitantes. É no pavilhão não nomeado histórico que estão as estátuas e representações de celas e presos famosos. Em relação a esta narrativa, procuramos destacar que as figuras retratadas despertam imaginários sobre crime pelo prisma de transtorno mental e prisão política. Nesse sentido, há uma narrativa que separa presos políticos de presos comuns, prisão política de prisão comum; crime político de crime comum. Ainda sobre esse debate, importante destacar que tal questão está, para além dos regimes de ideologias – memórias (Nora 2012) –, também nas pautas de discussão em torno do cárcere admitidas, como na perspectiva deste texto, como políticas. A prisão como política em Ushuaia contou com administração populacional e de trabalho no próprio município, bem como trânsitos de pessoas em privação de liberdade a partir de uma visão de Estado-Nação na última cidade argentina.

### CONSIDERAÇÕES: ATIVAÇÕES ENTRE MEMÓRIA, MUSEO E TURISMO

Mesclada à importância patrimonial e nacional, a unidade prisional, compreendida historicamente como “motor da economia local” e “fator populacional” de Ushuaia a partir de 1997, reativa-se, enquanto Museo, como fomento de economia local – não mais como fator populacional, mas turístico.



As dinâmicas de memória oriundas do Museo em primeira análise são instigantes para a continuidade deste trabalho. No trajeto deste artigo foi proposta uma perspectiva de que, pelo Museo, é ativada a relação entre memória, museu e turismo em Ushuaia.

Suponho que as possibilidades de memórias estejam encadeadas às distintas interações de memória e Museo e, conseqüentemente, memória e prisão. Entre *mar e montanha*, a fundação da cidade e de um presídio se rearticularam em desativação de presídio e ativação de museu. *Ao mundo todo*, termo destacado pela notícia no site da prefeitura de Ushuaia ao conferir à beleza fueguina reconhecimento mundial, podemos inserir a noção de íris. Assim como faz o diafragma de uma câmera fotográfica, controlando os níveis de luz que possibilitam o olhar, as dinâmicas de memória e turismo *se dão pelas* interações com os construtos culturais e com a temática prisional, condicionadas ao olhar, e não olhar subjetivos dos distintos observadores.

De acordo com a trajetória que olha a instituição museológica e os significados atribuídos ao museu e ao antigo presídio, a unidade prisional vai do pequeno detalhe à grandeza de *fim do mundo*. A íris do turismo observada em Ushuaia opera com uma fotometria ampla e permite ajuste pelas íris que ali chegam.




FIGURA 12  
Godino na sede  
do Correio em  
Ushuaia. Foto:  
Natalia Negretti.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, Claudio do Prado. 2016. Prisões desativadas, museos e memória carcerária. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, no. 113: 289-334. <https://doi.org/10.9732/P.0034-7191.2016V113P289>.
- Beiguelman, Giselle. 2019. *Memória da amnésia: políticas do esquecimento*. São Paulo: edições SESC.
- Bohn Martins, Maria Cristina. 2009. A história regional e a historiografia Argentina: entrevista com Susana Bandieri. *História Unisinos*, vol. 13, no. 1: 96-102.
- Bosi, Ecléa. 2003. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Caimari, Lila. 2004. *Apenas um delinquente: crimen, castigo y cultura em la Argentina, 1880-1955*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Canclini, Aroldo. 1989. Así nació Ushuaia. Orígenes de la ciudad más austral del mundo. Dossier "Reflexiones en torno a los estudios sobre Territorios Nacionales". *historiapolitica.com*, 1989. Disponível em: <<https://bit.ly/3hN3xit>>. Acesso em: 22 jun. 2020.
- Gamarnik, Cora. 2015. El fotoperiodismo y la guerra de Malvinas: una batalla simbólica. In *Fotografía e historia en América Latina*, ed. John Mraz, Ana Maria Mauad, 225-256. Montevideo: Intendencia de Montevideo: Centro de Fotografia de Montevideo.
- Horta, Filipe Moreno. 2013. *Dia de rebelião: as margens do Estado no cotidiano civil-prisional da Ilha Anchieta (1942-1955)*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lazzaroni, Alicia. 2011. *Celdas: textos de presos y confinados em Ushuaia (1896-1947): cartas, relatos, inscripciones em muros, ensayos, poemas, diários personales*. Ushuaia: Editora Cultural Tierra del Fuego.
- Machado, Maíra e Marta Machado (coord.). 2015. *Carandiru não é coisa do passado: um balanço sobre os processos, as instituições e as narrativas 23 anos após o massacre*. São Paulo: FGV Direito SP.
- Nora, Pierre. 2012. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, vol. 10. Disponível em: <<https://bit.ly/2YZJSmM>>. Acesso em: 15 fev. 2020.
- Pavez Ojeda, J. 2012. Disciplina científica colonial y coproducción etnográfica. Las expediciones de Martín Gusinde entre los Yámana de Tierra del Fuego. *Magallania*, vol. 40, no. 2: 61-87.
- Salazar, Noel B. 2006. Antropología del turismo en países en desarrollo: análisis crítico de las culturas, poderes e identidades generados por el turismo. *Tabula Rasa*, no. 5: 99-128.
- Santos, Myrian Sepúlveda dos. 2003. História e memória: o caso do Ferrugem. *Revista Brasileira de História*, vol. 23, no. 46: 271-295. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882003000200012>.
- Rodriguez, Rafael G., Sizzo, Ilia A. e Arechiga, Jose Eduardo. 2018. En busca de la motivación detrás del turismo oscuro El caso de las momias de Guanajuato. *Teoría y Praxis*, no. 24: 121-149.





**NATALIA NEGRETTI** é doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas na área de Estudos de Gênero. Realizou estágio doutoral na Universidade de Buenos Aires (Argentina), com bolsa da Red de Macro Universidades de América Latina y el Caribe. A dissertação de mestrado *Madá e Lena entrecruzadas, dois dramas em trama: entre percursos numa tragédia social e uma constituição possível* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), orientada por Rosemary Segurado, analisou a gestão dos vínculos entre mulheres agentes do sistema prisional e mulheres em privação de liberdade a partir de duas histórias de vida. O doutorado, sob orientação de Isadora Lins França, com foco na emergência da pessoa idosa em situação de rua como sujeito político em São Paulo, analisa trajetórias, trânsitos e instituições. E-mail: natalia\_negretti@yahoo.com.br

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 16/01/2020  
Reapresentado em: 14/05/20  
Aprovado em: 26/05/2020